

A CARTA MARÍTIMA DO SUBMARINO ESTRATÉGICO DOS DESEJOS

Nadia Regina Bacchan Cavamura¹

Resumo: Neste artigo pensaremos a Educação e o sistema educacional brasileiro com o auxílio conceitual de Deleuze, tentando vislumbrar as possibilidades de eliminar espaços estriados pela ação de máquinas de guerra nômades. Nós educadores e/ou pesquisadores em Educação, Educação Matemática no meu caso, sabemos o quanto esse sistema é um sistema estriado há tempos. São estrias e mais estrias provocadas por leis, regras, normas, currículos, obtenção de metas, notas em provas classificatórias que nos aprisionam. Algumas perguntas colocadas neste texto-ensaio são: Será possível produzir ou provocar acontecimentos capazes de tornar espaços estriados em espaços lisos? Será possível um movimento de resistência a essas linhas de força *aprisionantes*? Através de Deleuze vemos a possibilidade de alisar espaços através de máquinas de guerra nômades, pois ser máquina de guerra é desejar o fim da forma-Estado, é buscar o espaço liso e produzir um devir.

Palavras-chave: Espaços estriados; Espaços lisos; Máquinas de guerra.

A força da estrada do campo é uma se alguém anda por ela, outra se a sobrevoa de aeroplano. Assim é também a força de um texto, uma se alguém o lê, outra se o transcreve.
(BENJAMIN, 2012, p. 19)

Novamente diante da minha folha em branco tentando escrever um texto com a inspiração de Deleuze para o *VI Seminário Conexões: Deleuze e Máquinas e Devires e...* tarefa árdua, difícil, pois pensar Deleuze é operar conceitos. Isso exige correção. Mas Walter Benjamin nos faz ver, com a frase inicial, que a estrada é cheia de obstáculos para quem a percorre a pé. E o próprio Deleuze nos estimula a prosseguir, quando nos fala

Ao escrevermos, como evitar que escrevamos sobre aquilo que não sabemos ou que sabemos mal? É necessariamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro. É só deste modo que somos determinados a escrever. (DELEUZE, 2006, p. 10).

Dessa forma, pensaremos a Educação e o sistema educacional brasileiro com o auxílio conceitual de Deleuze, tentando vislumbrar as possibilidades de eliminar espaços estriados pela ação de máquinas de guerra nômades.

Todos que estamos dentro do sistema educacional brasileiro, seja como professores de todos os níveis de ensino ou mesmo como pesquisadores em Educação, ou Educação Matemática, na qual me incluo, sabemos o quanto esse sistema é um sistema estriado desde há muito tempo. São estrias e mais estrias provocadas por leis, regras, normas, currículos, obtenção de metas, notas em provas classificatórias, que nos fazem presos em uma realidade “fictícia”, tal como é o cinema de ação citado por Deleuze (1992, p. 70), que nos faz como um personagem que “se encontre numa situação, seja cotidiana ou extraordinária, que transborda qualquer ação

¹ Aluna de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP – Rio Claro (PPGEM), sob orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza. Integrante do Grupo de Estudos Múltiplos Um – UNS/PPGEM/RC que pesquisa temas em Educação Matemática, apoiadas na literatura da Filosofia da Diferença. E-mail: nrbacchan@gmail.com.

possível ou o deixa sem reação. (...) Ele não está mais numa situação sensório-motora, mas numa situação óptica e sonora pura”, ou seja, ficamos tão envolvidos empreendendo um trabalho em série, uma linha de produção que fabrica operários, que acabamos dando continuidade a essa maquinaria de Estado. E “essa foi sempre uma das principais funções do Estado, que se propunha ao mesmo tempo vencer *uma vagabundagem de bando, e um nomadismo de corpo.*” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 28)

Vencer um nomadismo de corpo é tirar dele suas potências de vida, eliminar seus desejos, tornar uma máquina desejante em uma mera engrenagem do *aparelho de Estado*, é eliminar desta máquina de guerra nômade seus efeitos de repetição e diferença, que somente é possível através de “uma intensa vida germinal inorgânica, uma poderosa vida sem órgãos, um Corpo tanto mais vivo quanto é sem órgãos” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 28).

O sistema educacional brasileiro, especialmente o paulista, que vivenciamos de perto é exemplo claro de uma *máquina de estado* produtora de estrias e essa “linha constitui um contorno. Uma tal linha é representativa em si, formalmente, mesmo se ela nada representa” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 186). As estrias delimitam o espaço, medem, organizam e, portanto, nos aprisionam, pois, “convertem o espaço, dele fazendo uma forma de expressão que esquadrinha a matéria e a organiza” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 187). São máquinas capazes de estriar um espaço liso, de domar e capturar esse corpo.

A intensidade do espaço liso nos permite perceber que o “Estado não pára de produzir e reproduzir círculos ideais, mas é preciso uma máquina de guerra para fazer um redondo” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 27). Será possível produzir ou provocar os acontecimentos capazes de tornar tais espaços estriados e *estriantes* em espaços lisos? Será possível um movimento de resistência a essas linhas de força *aprisionantes*? Sim, segundo Deleuze, pois toda força tem uma resistência que a combata:

Tudo isso não só para lembrar que o próprio liso pode ser traçado e ocupado por potências de *organização* diabólicas, mas para mostrar, sobretudo, independentemente de qualquer juízo de valor, que há dois movimentos não simétricos, um que estria o liso, mas o outro que restitui o liso a partir do estriado. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 164).

E as linhas de resistência são produzidas pelo desejo. E “os afetos atravessam o corpo como flechas, são armas de guerra” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 13). E Deleuze e Guattari (1996, p. 10) nos desafiam: “Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide”. Como realizar tal empreitada? Uma resposta possível está na própria ideia de espaço liso, que só é capaz de existir quando olhado de perto. Como Deleuze e Guattari (1997) mesmo coloca, um pintor somente pinta de perto, estando junto ao quadro, um compositor compõe com audição aproximada, um escritor escreve com memória curta, deve-se estar nele, é uma arte nômade onde o absoluto é local. E sem nos esquecer que “o espaço liso dispõe sempre de uma potência de desterritorialização superior ao estriado” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 164).

A ideia então é provocar as resistências, o alisamento, de dentro. Deve-se pertencer ao local para poder causar neste uma transformação das forças que *despotencializam* e torná-las *potentes* novamente, pois essas são, segundo Deleuze e Guattari, (1996, p. 202) “linhas sem contorno que passam entre as coisas, e gozam de uma potência de metamorfose”. De fora só se pode olhar o “horizonte ou o fundo, isto é, o Englobante” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 182), ou seja, algo delimitado, medido e organizado. Agora, quando se está no espaço, faz parte dele, pode-se olhá-lo de perto e plantar ali os rizomas, as linhas de fuga como na arte nômade. Deleuze nos explica:

Eis então o que seria necessário fazer: instalar-se sobre um estrato, experimentar as oportunidades que ele nos oferece, buscar aí um lugar favorável, eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fuga possíveis, vivenciá-las, assegurar aqui e ali conjunções de fluxos, experimentar segmento por segmento dos contínuos de intensidades, ter sempre um pequeno pedaço de uma nova terra. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 22).

Destruir estrias, alisar espaços, é destruir as forças que o torna refém, que o domina e possibilitar ao corpo seu próprio governo. É restituir ao corpo sua potência de vida, e o que segundo Deleuze e Guattari, (1996, p. 163), “ocupa o espaço liso são as intensidades, os ventos e ruídos, as forças e as qualidades tácteis e sonoras”. Portanto, destruir estrias, transformar um espaço estriado em liso está longe de ser uma atividade tranquila, fácil e dócil. Provoca ventos e ruídos, como vimos, exige, pois, *Coragem da Verdade*, como coloca Foucault (2011).

Alisar espaços através de máquinas de guerra nômades, de máquinas desejanças, é esse o desafio colocado por Deleuze. Instalar nos estratos rizomas que como o submarino estratégico citado por ele, passe por entre as estrias, destruindo-as. Ser uma máquina de guerra é desejar o fim da forma-Estado, é buscar o espaço liso e produzir um devir.

É seguindo uma relação meticulosa com os estratos que se consegue liberar as linhas de fuga, fazer passar e fugir os fluxos conjugados, desprender intensidades contínuas para um CsO. Conectar, conjugar, continuar: todo um "diagrama" contra os programas ainda significantes e subjetivos. Estamos numa formação social; ver primeiramente como ela é estratificada para nós, em nós, no lugar onde estamos; ir dos estratos ao agenciamento mais profundo em que estamos envolvidos; fazer com que o agenciamento oscile delicadamente, fazê-lo passar do lado do plano de consistência. É somente aí que o CsO se revela pelo que ele é, conexão de desejos, conjunção de fluxos, *continuum* de intensidades. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 22)

Termino, então, como comecei, com uma citação de Walter Benjamin que está em consonância com o que nos propõe Deleuze, pois ambos nos mostram, que sim, é possível, desde que tenhamos *Coragem da Verdade*.

Assim, nada resta, senão, na permanente expectativa do último assalto, não dirigir o olhar para nada a não ser o extraordinário, que é o único que ainda pode salvar.

(BENJAMIN, 2012, p. 19)

Referências

BENJAMIN, W. *Rua de mão única*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 6. ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas v. 2).

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. v. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. Coleção TRANS.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997. Coleção TRANS.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Tradução de Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, G. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2. ed. 2010. Editora 34, 1992.

FOUCAULT, M. *A Coragem da verdade: O governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)*. 1. ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.